

Capítulo 1

O preceptor Karl Ivánitch

Em 12 de Agosto de 18..., três dias depois do meu décimo aniversário, em que recebi prendas maravilhosas, às sete horas da manhã Karl Ivánitch acordou-me, batendo numa mosca com o moscadeiro feito de papel de açúcar preso a um pau, exactamente por cima da minha cabeça. Fê-lo de modo tão desajeitado que roçou no ícone do meu santo, pendurado na cabeceira da minha cama de carvalho, e a mosca morta caiu-me em cima da cabeça. Assomei o nariz de baixo do cobertor, parei com a mão o ícone que baloiçava, varri a mosca morta para o chão e olhei para Karl Ivánitch com os olhos estremunhados, mas zangados. Karl Ivánitch, entretanto, metido num roupão sarapintado forrado de algodão com cinto do mesmo tecido, de barrete vermelho de malha com uma borla e botas macias de cabrim, continuava a andar ao longo das paredes, a apontar e a bater.

«Está bem — pensei —, sou pequeno, mas porque me incomoda? Porque não bate nas moscas à beira da cama do Volódia? Ali há muitas! Não, o Volódia é mais velho, e eu o mais novo: é por isso que me faz mal. Anda toda a vida a pensar só numa coisa — sussurrei —: em fazer-me mal. Vê muito bem que me acordou e assustou, mas finge que não reparou nisso... homem abominável! O roupão, o barrete, a borla... é tudo abominável!»

Enquanto exprimia desta forma o meu desgosto, Karl Ivánitch foi até junto da sua cama, olhou para o relógio que pendia por cima dela numa bainha em forma de sapato bordada de missangas, pendurou o moscadeiro num prego e, num estado de humor visivelmente muito bom, virou-se para nós.

— *Auf, Kinder, auf... s'ist Zeit. Die Mutter ist schon im Saal*¹ — gritou numa bondosa voz alemã, depois acercou-se de mim, sentou-se aos

meus pés e tirou do bolso a tabaqueira. Fingi-me a dormir. Karl Ivánitch primeiro cheirou o rapé, limpou o nariz, estalou os dedos e só então começou a importunar-me. Com risinhos, pôs-se a fazer-me cócegas nos calcanhares. — *Nun, nun, Faulenzer!*² — repetia.

Por mais coceguento que eu fosse, não saltei da cama nem lhe respondi, apenas escondi mais fundo a cabeça debaixo das almofadas, escoecei muito e apliquei todas as forças para conter o riso.

— Que bondoso, como ele gosta de nós, e eu a pensar tão mal dele!

Senti-me desgostoso, comigo próprio e com Karl Ivánitch, tive vontade de rir e, ao mesmo tempo, de chorar: estava com os nervos desconcertados.

— *Ach, lassen sie*³, Karl Ivánitch! — gritei com as lágrimas nos olhos, assomando a cabeça de baixo da almofada.

Karl Ivánitch surpreendeu-se, deixou-me em paz as solas dos pés e começou a perguntar-me, preocupado: o que é que eu tinha, foi algum sonho mau?... A sua bondosa cara alemã, a compaixão com que tentava adivinhar o motivo das minhas lágrimas faziam com que estas corressem ainda mais: envergonhado, não percebia por que razão ainda um minuto atrás podia não gostar de Karl Ivánitch e achar abomináveis o seu roupão, o barrete e a borla; agora, pelo contrário, tudo nele me parecia muito querido, e a própria borla balançava-se como prova evidente da sua bondade. Disse-lhe que chorava porque tivera um pesadelo — que a *maman* tinha morrido e estavam a levá-la para o cemitério. Ora, inventei aquilo porque não me lembrava de todo com que sonhara nessa noite; mas quando Karl Ivánitch, enternecido, se pôs a consolar-me e a acalmar-me, acreditei que tivera mesmo esse sonho, e as lágrimas recommçaram-me a correr já por outro motivo.

Quando Karl Ivánitch me deixou em paz e eu, sentado na cama, comecei a enfiar as meias nos meus pés pequenos, o pranto abrandou um pouco, mas os pensamentos sombrios sobre o sonho inventado não me abandonavam. Entrou o nosso criado Nikolai — um homenzinho pequeno, asseado, sempre sério, cuidadoso, respeitador e grande companheiro de Karl Ivánitch. Trouxe-nos a roupa e o calçado: botas para Volódia e sapatos com lacinhos para mim — pronto, ainda por cima tinha de calçar esta coisa insuportável. Tive vergonha de chorar na presença dele; além disso, o sol matinal brilhava alegremente nas janelas, e Volódia, macaqueando Mária Ivánovna (a preceptora da nossa irmã) por cima do lavatório, ria de modo tão contagioso e sonoro que o próprio Nikolai, tão sério, com uma toalha no ombro, o sabonete numa mão e o lavatório na outra, dizia, sorrindo:

— Deixe-se disso, Vladímir Petróvitch, faça o favor de lavar a cara. Então, animei-me.

— *Sind sie bald fertig?*⁴ — ouviu-se a voz de Karl Ivánitch, vinda da sala de aulas.

Estava com a sua voz rigorosa, já sem aquele tom bondoso que acabara de me comover até às lágrimas. Na sala de aulas, Karl Ivánitch era outro homem: o mentor. Vesti-me depressa, lavei a cara e, ainda com a escova na mão, alisando o cabelo, fui ter com ele.

Karl Ivánitch, com os óculos encavalitados no nariz e um livro na mão, estava sentado no seu lugar habitual, entre a porta e a janela. À esquerda da porta havia duas prateleiras: uma nossa, das crianças, outra propriedade de Karl Ivánitch. Na nossa alinhavam-se livros de todos os géneros, de estudo ou não: alguns na vertical, outros na horizontal. Apenas dois grandes volumes de *Histoire des voyages*⁵, de capas vermelhas, se apoiavam na parede com ar importante; a seguir, livros compridos, grossos, grandes e pequenos, capas sem os livros e livros sem as capas; empurrava-se, enfiava-se tudo lá para dentro quando nos davam o sinal, antes do recreio, para pormos em ordem a biblioteca, como Karl Ivánitch chamava solenemente a esta prateleira. A colecção de títulos na prateleira pessoal de Karl Ivánitch, sem ser tão grande como na nossa, era ainda mais variada. Lembro-me de três livros: uma brochura alemã sobre a estrumação das hortas de couve, sem capa; um volume sobre a história da Guerra dos Sete Anos, encadernado num pergaminho queimado num dos cantos; e um curso completo de hidrostática. Karl Ivánitch passava a maior parte do seu tempo a ler, até estragou a vista com a leitura; porém, não lia nada além desses livros e do *Abelha do Norte*⁶.

Entre os objectos da prateleira de Karl Ivánitch havia um que, mais do que tudo, me recorda o preceptor. Era uma rodela de cartão enfiada num pau e que se movia nuns pinos. Havia um desenho colado na roda, a caricatura de uma senhora com um cabeleireiro. Karl Ivánitch, que colava muito bem, inventou ele próprio este círculo para proteger os olhos fracos da luz forte.

Vejo à minha frente, como se fosse hoje, a sua figura delgada de roupa forrada de algodão e chapeuzinho vermelho, do qual se assoma o cabelo ralo e branco. Está sentado à mesinha em que se ergue a roda de cartão com o cabeleireiro, lançando sombra na sua cara; numa mão segura o livro, a outra repousa no braço do cadeirão; ao lado dele, um relógio com o desenho de um caçador no mostrador, um lenço axadrezado, uma tabaqueira redonda de cor preta, o estojo verde dos óculos, uma pinça no pequeno tabuleiro. Tudo no seu lugar, tão séria e cuidado-

samente arrumado, numa ordem tão perfeita que permite tirar a conclusão de que a consciência de Karl Ivánitch está limpa e a sua alma tranquila.

Às vezes, farto das correrias na sala grande de baixo, subo nas pontas dos pés à sala de aulas e vejo: Karl Ivánitch, sozinho, sentado na sua poltrona com uma expressão tranquila e majestosa a ler um dos seus livros preferidos. Por vezes, apanhava-o também nos momentos em que não lia: os óculos tinham-lhe escorregado até à ponta do grande nariz aquilino, os olhos azuis, um pouco cerrados numa expressão especial, os lábios sorrindo tristemente. O quarto está silencioso; apenas se ouvem a sua respiração regular e o tiquetaque do relógio com o caçador.

Karl Ivánitch não repara em mim, e eu estou parado à porta e penso: coitado, coitado do velho! Somos muitos, brincamos, divertimo-nos, mas ele está sozinho, completamente sozinho, e não há quem lhe dê um carinho. Diz que é órfão, e é verdade. Que terrível é a história da sua vida! Lembro-me de como Nikolai a contou: é horrível uma situação como a dele! Às vezes sinto tanta pena que vou junto dele, pego-lhe na mão e digo: «*Lieber*⁷ Karl Ivánitch!» Ele gostava que eu lhe dissesse isso; acariciava-me, via-se que ficava enternecido.

Na outra parede havia mapas, quase todos rotos, mas habilmente colados pela mão de Karl Ivánitch. Na terceira parede, a meio da qual ficava a porta que dava para a escada, pendiam, de um lado, duas réguas: uma, toda cortada, era a nossa; a outra, novinha, era propriedade de Karl Ivánitch e utilizada mais para estimular do que para pautar os cadernos; de outro lado da parede havia um quadro negro no qual eram marcados os nossos erros grandes com círculos e os pequenos com cruzinhas. À esquerda do quadro negro era o canto onde nos punha de joelhos.

Que memorável é para mim esse canto! Lembro-me do tapador do fogão, do respiradouro desse tapador e do barulho que fazia quando o giravam. Às vezes já estou ali há tempos sem fim, já me doem os joelhos e as costas, e penso: Karl Ivánitch esqueceu-se de mim — está instalado na sua poltrona macia, todo confortável, lendo a sua hidrostática, mas eu? E, para o lembrar de mim, começo a abrir e a fechar devagarinho o tapador, ou a esgaravatar no estuque da parede; mas quando um pedaço grande de mais caía no chão, o meu medo era pior do que qualquer castigo, juro. Olho para trás, para Karl Ivánitch: continua sentado com o livro na mão e parece não reparar em nada.

No centro da sala havia uma mesa coberta de oleado preto, roto, de baixo do qual, em muitos sítios, se viam as bordas da mesa com cortes

feitos a canivete. Dispostos à volta da mesa, os vários bancos em madeira tosca, mas polida pelo uso prolongado. Na quarta parede havia três janelas. A vista que delas se contemplava era: logo em baixo, um caminho em que cada buraco, cada pedrinha, cada sulco há muito me são familiares e queridos; depois do caminho, uma alameda de tílias podadas, através da qual se vê, nalguns sítios, a paliçada; por trás da alameda, um prado com uma eira coberta de um lado, e uma floresta em frente — lá ao longe vê-se a isbá do guarda. Da janela direita vê-se uma parte do terraço, onde os adultos costumam descansar antes do almoço. Às vezes, enquanto Karl Ivánitch faz as emendas na folha do ditado, olho para aquele lado, vejo a cabeça da mãezinha com o cabelo preto, vejo as costas de alguém, oiço vagamente o rumor das vozes e dos risos; e sinto tanta pena por não poder estar ali que penso: «quando é que serei grande, quando vou deixar de estudar e ficar sempre ao pé da gente de quem gosto, em vez de me atarefar com os diálogos?» A pena transforma-se em tristeza, e fico tão pensativo — só Deus sabe porquê — que nem oiço Karl Ivánitch a zangar-se com os meus erros.

Karl Ivánitch tirou o roupão, vestiu a casaca azul com ombreiras altas e franzidas, ajeitou a gravata em frente do espelho e levou-nos para baixo: horas de cumprimentar a mãezinha.